

## ***SPACCIO DE LA BESTIA TRIONFANTE, DE GIORDANO BRUNO***

Raimundo Pedro Justino de Orlanda\*

Em 1584, Giordano Bruno (1548-1600), publica em Londres a obra *Spaccio de la bestia trionfante*, escrita em forma de diálogo. Esta é sua quinta obra publicada em italiano que compõe os chamados diálogos italianos, e até o momento ainda não está traduzida em português. A discussão central do texto é a alegoria da reforma ética, proposta por Júpiter para renovar o espaço celeste, expulsando dentro os deuses os vícios que lá faziam morada e substituindo-os por virtudes, uma forma de purificação do céu. Essa metáfora é apresentada por três personagens: Sofia (a deusa Sabedoria, mediadora entre os deuses e os homens), Saulino (um personagem imaginário, alter ego de Bruno, que questiona as decisões dos deuses) e Mercúrio (o mensageiro dos deuses na mitologia romana). Podemos interpretar a reforma celeste como uma crítica que Bruno apresenta em relação à crise que a Europa estava imersa no século XVI, principalmente por conta das reformas religiosas. Para o autor, o cristianismo tem uma grande parcela de culpa na crise que a humanidade estava sofrendo: intelectual, política e social. As ideias expostas na obra também são conhecidas como a filosofia moral de Bruno, as quais são complementadas em sua obra seguinte: *A Cabala del Cavallo Pegaseo* (1585).

O *Spaccio* está inserido dentro do quadro que Bruno chama de nova filosofia, ou seja, são os primeiros apontamentos que o autor apresenta, a cerca da nova investigação filosófica sobre o universo e as questões cosmológicas. A obra está escrito em forma de diálogo. Nas obras italianas, Bruno utiliza-se deste recurso metodológico para apresentar seus pensamentos. Os conceitos que o nolano apresenta nos diálogos italianos, são os que ele utiliza mais adiante para sustentar e construir suas ideias sobre a revolução heliocêntrica. O *Spaccio* é composto por três diálogos e cada um é dividido em três partes. Os quais podem ser subdivididos em dois momentos: o primeiro é a apresentação da filosofia moral de Bruno que é a exposição que Sofia faz para Saulino sobre como aconteceu a reforma moral celeste, a deusa, sendo uma das participantes do

---

\* Bacharel em Filosofia. Universidade Vale do Acaraú – UVA. E-mail: pedrorlanda@gmail.com.

concílio, apresenta para ele todas as discussões e as decisões que tomaram os deuses para reformar o céu; e o segundo momento é a conversa que acontece entre Sofia e Mercúrio, estes dois personagens nessas passagens não discutem sobre como aconteceu a reforma, o autor utiliza-se desse momento para confirmar as suas ideias cosmológicas e reforçar a sua crítica ao cristianismo.

A obra inicia com uma introdução aos diálogos, a *Epistola Esplicatoria*, um texto crucial para compreendermos o significado do *Spaccio*. Nela, Bruno dedica a obra a Felippo Sidneo, um cavaleiro nobre da corte de Elizabete I, militar e poeta, um expoente do Renascimento britânico. É nesta parte da obra que Bruno diz que irá apresentar “as sementes de sua filosofia moral” e ainda se identifica como “filho da mãe Terra”, e que sua intenção é apresentar a eles a moral com o olhar filosófico, e por isso afirma que sua intenção não é “atirar contra o que é certo, honesto, bom e divino”. Por conta do cenário de crise em que estava imerso, Bruno tem consciência de que sua obra pode ser interpretada como “boa ou triste, prezada ou indigna, excelente ou covarde, douta ou ignorante, alta ou baixa, proveitosa ou inútil, fértil ou estéril, importante ou irrelevante, religiosa ou profana”. Embora escrita na língua italiana e não em latim, o nolano destina a obra aos sábios e cultos, mesmo considerando que o número de tolos e ignorantes é maior do que o destes, por isso justifica a dualidade de interpretações. O nolano assegura que na obra vai nomear as coisas do modo como elas se apresentam, vai chamar o “pão por pão, o vinho por vinho”, e todas as outras coisas por seu próprio nome, e ainda afirma que por fazer isso, ele pode ser perseguido e condenado. Ainda na carta, o autor faz destaque da posição de Júpiter como o governador do céu, a quem tem o poder de convocar concílios e decidir quem deve permanecer ou não no céu. E ainda de forma enumerada, Bruno aponta de uma em uma todas as divindades (virtudes e vícios), que foram convocadas para o concílio.

Na primeira parte do primeiro diálogo, Sofia e Saulino discutem sobre a mutação e “as vicissitudes” do mundo. Uma marca forte das ideias de Bruno é sobre a mudança da matéria, assim como os pré-socráticos o autor considera que a natureza é movida por uma constante mudança. Podemos identificar essa conceituação na metáfora, quando Sofia expõe que até mesmo Júpiter, um deus, passa pela mutação, ela explica para Saulino que os deuses também têm vícios. E que por isso Júpiter tentou reorganizar o

céu, expulsando os vícios dos deuses. A personagem mostra quais foram os primeiros decretos, e em seguida conta como o pai dos deuses convocou a todos para um grande concílio. Bruno demonstra através dos interlocutores que para Júpiter ordenar os deuses ele utilizou os valores morais universais.

Na segunda parte do primeiro diálogo o autor apresenta a “oração de Júpiter”, o momento no qual o governador do céu abre o concílio na presença de todos os deuses que tem como objetivo fazer uma reforma da posição deles, porque o céu precisava ser reformado. Segundo o pai dos deuses, não havia mais credibilidade nas divindades, por conta de suas condutas viciosas e sua falta de moral, a principal preocupação de Júpiter era da imagem que o céu representava, para ele já não podiam ser considerados os mesmos, reformando o céu será possível restaurar o mundo. Expulsar as bestas triunfantes é a chance para a humanidade sair de sua crise. Podemos dividir a oração proferida por Júpiter em três momentos: a importância daquele dia para os deuses, que era a comemoração da vitória contra os gigantes; o ordenamento da posição das divindades, para que o lugar no céu não seja apenas uma troca de favores e de recompensa entre os deuses; e o ponto mais forte desse momento, é a confissão de Júpiter dos seus próprios erros, como um convite para a conversão de cada um dos deuses, ele se arrepende de seus erros e toma consciência sobre suas atitudes, reconhecendo que não estava agindo de forma ética. Com isso Bruno demonstra que a única saída para esse contexto de crise é uma grande reforma moral que comece de cima, pelos níveis mais altos, por isso o fato de Júpiter iniciar a reforma com seu arrependimento e assim convidar aos deuses a fazerem uma severa autocrítica, para conseguirem expulsar as bestas, os símbolos negativos do espaço celeste.

Na terceira parte do primeiro diálogo Sofia conta para Saulino como foi o início do concílio. Júpiter pediu aos deuses que fossem fortes, do mesmo modo que foram fortes contra os gigantes, porque nesse momento eles deveriam lutar contra eles mesmos. Em seguida passam a julgar a parte mais alta do céu, onde se encontra a Ursa maior e a Ursa menor. Os deuses decidem que elas devem ser expulsas do céu e junto delas o dragão, que representam a Falsidade, a Casualidade, a Ignorância, a Prevaricação, a Iniquidade, a Fé tola, a Hipocrisia, o Excesso, e a Vingança e no lugar mais eminente do céu deve ser posicionada a Verdade e próximo a ela devem ficar

juntas a Prudência, a Sabedoria, a Lei e o Juízo. Júpiter também decreta que a Aurora Boreal seja destinada como prêmio ao vitorioso braço que trará a paz para a Europa em guerra. Neste ponto se percebe a crítica que o autor faz aos causadores da guerra na terra, ou seja, desde que começaram as reformas religiosas não se encontra mais a paz na humanidade. Em seguida, os personagens discutem sobre a posição de Hércules, o filho de Júpiter que apenas é um semideus, e por isso não podia ter um posto no céu, mas ele só o tinha por conta de seus atos heroicos. Mesmo assim seu pai, Júpiter, decide enviá-lo a terra para iniciar o processo de restauração da paz. Neste momento sai Saulino da discussão e entra no discurso Mercúrio, e assim o texto passa para a segunda perspectiva. Mercúrio discute com Sofia a função de Júpiter como pai de todos os deuses, e em seguida discutem sobre a condição divina, nesse sentido o discurso que Bruno apresenta é sobre aquilo que é o particular e o universal, sobre o ser, e sobre aquilo que é imutável, e afirma que a “condição divina não é como a nossa”, porque a nossa é como consequência da divina por isso ela está depois das coisas, já a condição divina “está à frente de tudo e se encontra presente em todas as coisas”.

Na primeira parte do segundo diálogo, Saulino retorna a discussão, e pergunta a Sofia pela justificativa das decisões que foram tomadas pelos deuses, porque aquelas divindades eram mais merecedoras que as outras e podiam ficar no lugar mais eminente do céu. Nas respostas de Sofia compreendemos que Bruno quer enaltecer que não podemos viver apenas obedecendo a uma lei cega, mas que a lei deve presumir uma moral e uma justiça. Ou seja, para a saída desse cenário de conflito é necessário restabelecer a lei, por isso na reforma, a lei, esta ao lado da verdade e da sabedoria. Para o nolano a lei divina e a lei civil devem ter o mesmo objetivo, garantir ao homem a paz e a conservação da sociedade. Em seguida, é apresentada na discussão a temática sobre a religião. Através da fala de Sofia compreendemos que o nolano apresenta a sua definição de religião, como ele próprio a nomeia de “máxima religião” que, portanto, deve ser aquela que “congrega as pessoas para o bom convívio humano”, ou seja, ele faz uma ligação do que é espiritual com o que é civil. O autor ainda justifica que sem lei e sem religião não é possível conviver no mundo. E por isso julga que a reforma da deformada religião está causando a guerra em nome de deus e está gerando desordem

entre as nações e os reinados, porque ele compreende que a religião já não cumpria seu papel.

Na segunda parte do segundo diálogo os interlocutores retornam para o julgamento e discutem sobre quem devia ficar no lugar de Hércules. A Riqueza se candidatou a vaga, mas Júpiter decide que ela deve ficar próxima a Justiça. Neste momento, é iniciada uma fala sobre o papel da filosofia e do filósofo, para o autor o amigo da sabedoria deve usar a pobreza e a riqueza no fazer da filosofia, como um caminho para a autossatisfação. E ainda os interlocutores dizem como Júpiter fez a defesa pela Fortuna, pois ela é considerada diferente das outras divindades, já que não distingue ninguém e se mostra igual a todos os homens.

Na terceira parte do segundo diálogo ainda continua a discussão sobre a decisão da cadeira de Hércules. Os deuses agora concordam que esse posto seja dado a Fortaleza que ela sempre ajudou Hércules em seus desafios. Em seguida, é anunciado como Mercúrio foi enviado a terra, sua missão é cumprir o papel de mensageiro dos deuses à humanidade. E como complemento, os deuses já decidem que em seu lugar seja colocada a Memória e suas nove filhas. Ainda do céu são expulsos os signos, e ali é concedido lugar a Potência. O herói Perseu também é enviado a Terra para ficar junto de Hércules, e junto a ele, cumprir a tarefa de instaurarem a paz. Bruno entende que não é a guerra que vai trazer a paz para a humanidade, mas somente o trabalho duro poderia restaurar a humanidade, por isso, Júpiter tece um elogio rico em defesa da Fadiga e decide que ela, junto com a Solicitudude e a Diligência, deveria permanecer no céu. Como finalização deste diálogo, outra vez Mercúrio entra na discussão, e o autor apresenta através de sua fala uma crítica ao tribunal da santa inquisição, afirmando que o mundo e a religião estão cobertos pela Avareza, e por isso muitos inocentes estão morrendo.

No início do terceiro diálogo, Sofia e Saulino continuam a discutirem sobre as questões do concílio, agora conversam sobre como decidiram quem deveria ocupar o lugar de Perseu, Júpiter deseja colocar Fadiga, Diligência e a Solicitudude. Porém o Ócio foi contra a decisão e se julga mais importante que a Fadiga, porque ele esteve muito presente na “idade do ouro”, e provou como é melhor ter uma vida simples, sem fadiga. Júpiter logo discorda do Ócio e diz que o trabalho é muito importante para a

humanidade. Portanto o Ócio é danoso, assim como o vício é ruim, por isso ele julga que o Ócio se torna Negócio, para continuar presente no céu.

Na segunda parte do terceiro dialogo julgam a Filantropia e a Misanthropia, e decidem que devem permanecer no céu. A outra discussão é sobre a figura do Centauro que nem é deus nem é homem, por ser metade deus e metade homem é considerado uma besta, mas que deve ficar no céu por conta dos feitos heroicos que um dia realizou na terra. Identifica-se neste ponto uma crítica à figura de Jesus no cristianismo, que representa a imagem de Deus e homem na mesma pessoa. Depois Júpiter afirma que a maior virtude é a Fé, e que quando esta se rompe as outras virtudes também são rompidas, isso ele demonstra através do Tratado da geometria de De Cusa. Outra importante discussão nesta parte é sobre a religião dos antigos egípcios, porque eles reconhecem nas bondades feitas pelos homens, a bondade e o poder que tem o ser divino, por isso as divindades são nomeadas com nome de homens.

Na última parte do último diálogo, os personagens discutem sobre o julgamento da terça parte do céu, aqui Bruno faz uma crítica a moralidade religiosa, a teologia, aos reformados e diz que a justiça dos homens não tem como governar a terra, a não ser pelo vitorioso braço. Júpiter destina a Coroa Boreal como prêmio para o vitorioso braço, que destruirá a serpente que assola a mísera Europa com seu veneno fatal. Esse papel é dado para Hércules, que para Bruno é Henrique III, rei da França, quem cumpre essa tarefa. Derrotar a terrível serpente significa derrotar o ódio, as guerras civis e as divisões, assim favorecendo a construção da paz e da coesão social. Para Bruno o piedoso, rei cristão, Henrique III, atende as características do Hércules ainda comparado com o pacificador bíblico do sermão da montanha.

Para o nolano as grandes transformações históricas não são produzidas por milagres, nem pela realização da vontade dos astros, mas elas são frutos da combinação do trabalho das mãos com o intelecto. Para o autor, quem promete soluções caídas do céu é um falso mercúrio, um mago enganador. Toda essa reflexão bruniana sobre a crise religiosa, exposta na obra através da metáfora da reforma celeste, é, sobretudo, uma crítica ao cristianismo. O objetivo do nolano é juntar os laços da religião com a sociedade civil, para Bruno a função da Religião é ser instrumento de coesão social, no sentido etimológico do *religare*, seria neste sentido ligar o homem ao homem, a

proposta é libertar a humanidade da religião, da loucura dos teólogos pedantes e valorizar os comportamentos heroicos. A filosofia de Bruno é considerada como uma filosofia anticristã, porque para o nolano, o cristianismo desde sua origem é uma religião corrupta. Para o autor a própria figura de Cristo é inconcebível, pois ele entende que não é possível que a infinitude divina se misture com a finitude humana, em uma mesma substância, por conta disso Bruno no texto faz uma comparação de Cristo com o Centauro, que era metade Deus e metade homem e por isso era um monstro.

A reflexão apresentada na obra aborda ainda a divergência do pensamento do autor com o pensamento dos reformados, pois para os teólogos protestantes o homem necessita apenas da graça de Deus para garantir a sua salvação, os seus atos, inclusive o gesto de matar o outro em nome da fé, não influenciam em seu julgamento, assim eles desvinculam a lei divina dos princípios morais e éticos, e assim também se tornam bestas, porque são incapazes de questionar, ou de pensar por si próprios, porque o crente deve apenas submeter-se a vontade de Deus. Porém, Bruno afirma que a religião deve ser a mantenedora da sociedade, mostrando ao homem como ele deve se relacionar com o outro, e com a natureza através de mandamentos morais. Ou seja, superar essa crise, é superar a destinação que a religião causou a humanidade, ao separar a natureza da divindade, e dessa forma deixa de cumprir seu papel de ligação.

Então, podemos concluir que ao contrário do que diziam outros autores, de que para superar essa crise religiosa o cristianismo deveria voltar a sua origem, para Bruno, a única saída possível era criar uma nova religião, uma religião que a exemplo do hermetismo e dos egípcios levasse o homem a manter um contato direto com a natureza e que também utilizasse o poder civil para construir uma unidade entre os homens, uma unidade capaz de gerar a paz e de manter a convivência social na humanidade. Ou seja, o homem precisa viver com responsabilidade dentro da sociedade para assegurar a paz, e essa responsabilidade está atribuída a moral e a ética que são resultados do contato do homem com a natureza. Portanto, essa é a função da nova religião, proposta pelo nolano, a valorização da civilização. Esta obra cumpriu também a tarefa de ser um sinal de esperança dentro deste contexto de conflito, Bruno compreende que a ética e a política são caminhos para entender a revolução heliocêntrica, ou melhor, essa revolução inicia com a cosmologia e atinge outros níveis de saber.

**Referência:**

BRUNO, Giordano. **Spaccio del la bestia trionfante**. A cura di G. Daelli e Comp. Editori, Milano; Forgotten Books: 2016, 254 p.